

O Dia Pan - Americano -- Sua Significação

14 de abril — *Dia Pan-Americano* — marca o aniversário do estabelecimento, em 1890, da associação das repúblicas americanas, a qual se tornaria mais tarde a Organização dos Estados Americanos. Todos os anos, no seio das 21 repúblicas do Hemisfério Ocidental, se comemora esse evento, símbolo da amizade que une, de maneira nunca vista na história do mundo, a 300.000.000 de americanos de diferentes línguas, religiões e culturas.

Essas comemorações, proclamadas pelos chefes da nação ou por ato do congresso, variam de simples cerimônias aldeãs a celebrações pomposas, com paradas e festas pitorescas. Lugares há em que os festejos se estendem por uma semana inteira, "Semana Pan-Americana", com programas especiais para cada dia. Por variadas que sejam as comemorações, caracterizam-se tôdas por uma feição que lhes é comum: prestam homenagem a esse espírito que leva todo americano a dilatar suas vistas além das fronteiras pátrias, na segurança de que, unido aos povos vizinhos, ele está a arquitetar uma América livre, forte e próspera.

Nós, americanos, sempre tivemos boas razões para celebrar o espírito de mútua simpatia e cooperação que, no correr dos anos, compeliu as nações do nosso Hemisfério a abraçarem um mesmo ideal e a agirem em comum. Mais fortes ainda são essas razões neste momento em que o sacratíssimo patrimônio da América, a paz e a liberdade, se vê ameaçado pela guerra e tirania que devastaram outras partes do globo. Podemos regozijar-nos de que neste Dia Pan-Americano as 21 Repúblicas Americanas vivam em paz umas com as outras no seio de um continente livre. Maior ainda deve ser nosso regozijo por sabermos que se algum de nossos povos se visse em perigo, os demais acudiriam a defendê-lo.

Podemos orgulhar-nos, como americanos, do espírito que forjou essa união, e da nossa Organização dos Estados Americanos, a mais antiga e mais bem sucedida associação internacional do mundo, a qual entretém e robustece esse espírito. Explanar a maneira em que as Repúblicas Americanas trabalham conjuntamente em prol do bem da América, através da OEA; expor o funcionamento da OEA, suas realizações e o que pode executar, no futuro, em favor dos americanos, deveriam ocupar lugar de realce em qualquer programa do Dia Pan-Americano. Com o intuito de contribuir para a consecução desse objetivo é que se escreveu o presente manual.

Destina-se êle a todos quantos desejarem direção para o planejamento e organização de um programa para o Dia Pan-Americano. Baseando-se na experiência obtida durante muitos anos de celebração do Dia Pan-Americano, descreve métodos para a elaboração do dito programa, para a obtenção de materiais, de oradores e de colaboradores. Contém informações de grande valia tanto para os organizadores como para os participantes, relatando a história das relações interamericanas e a obra da OEA. A despeito, todavia, de sua utilidade, chegar-se-á à conclusão de que, em última análise, é a iniciativa e imaginação pessoais o que converte um programa em verdadeiro sucesso.

PLANEAMENTO E ORGANIZAÇÃO

OBJETIVO DO PROGRAMA

A fim de que o maior número possível de pessoas possam compreender todo o alcance do Dia Pan-Americano, importa que, ao elaborar-se o programa, se tenha em mente a coletividade tomada como um todo. Presume-se a participação das escolas e outros estabelecimentos de ensino, organizações cívicas, bibliotecas, museus,

imprensa, radioemissoras, autoridades municipais, associações comerciais e profissionais, sindicatos e outros grupos e indivíduos, cuja cooperação contribua para o êxito do programa. Nos centros em que existir uma liga, conselho ou clube pan-americano, pode-se ordinariamente contar com sua liderança na elaboração de programas para o Dia Pan-Americano.

COMISSÕES DE EXECUÇÃO

Geralmente se precisa no mínimo de três comissões para o êxito do programa da coletividade. Trata-se da Comissão Organizadora, da Comissão do Programa e da Comissão de Publicidade. Os característicos especiais de certas comunidades reclamarão outras comissões, embora recaia sobre a pessoa que organiza o programa a decisão do assunto.

Comissão Organizadora — A Comissão Organizadora deveria ser constituída o mais cedo possível, e ter à sua frente pessoa de competência e energia — homem ou senhora de prestígio no meio. Além disso, deveria abranger, no mínimo, um representante das escolas, universidades, bibliotecas, museus, imprensa, radioemissoras, agremiações cívicas, municipalidade e outras entidades participantes de importância. Incumbe a êsses representantes, sob a direção e coordenação do presidente da Comissão Organizadora, angariar toda a participação possível por parte de seus respectivos grupos ou campos de atividade. Em tôdas as publicações da Comissão Organizadora deve figurar uma relação das organizações participantes, relação essa que deve igualmente ser encaminhada à Comissão de Publicidade para fins de propaganda na imprensa, radioemissoras, etc.

Comissão do Programa — A Comissão do Programa incumbe-se de organizar e coordenar as várias cerimônias e eventos da comemoração do Dia Pan-Americano e de marcar-lhes a data, prontificando-se a fazer sugestões e fornecer material. Pode impor-se a criação de várias sub-comissões, de acôrdo com o âmbito dos planos. Convém, às vezes, constituir uma "Comissão Patrocinadora" honorária, composta de autoridades públicas, de líderes cívicos e de membros do corpo consular na região em aprêço, a qual dará prestígio às cerimônias públicas e, em geral, ao programa. Encontrar-se-ão, no presente manual, numerosas sugestões para as comissões do programa, conquanto, mais uma vez, se reduza o essencial ao engenho e imaginação de pessoas da localidade.

Comissão de Publicidade — Na imprensa e rádio se depara com os mais importantes meios para a divulgação do significado do Dia Pan-Americano e do modo por que a coletividade o comemora. A Comissão de Publicidade deveria ser chefiada, se possível, por um dos redatores locais ou por diretores das radioemissoras, e ser constituída por vários indivíduos com prática de jornalismo, os quais saibam pôr-se em contato com a imprensa e as radioemissoras locais.

Imprensa — Cumpre entrevistar o mais breve possível os diretores da imprensa local, a fim de explicar-lhes o programa e obter sua cooperação para publicarem-se, na medida do possível, os seguintes itens: Artigos de fundo e outros sobre o Dia Pan-Americano e a OEA; artigos sobre a organização e trabalho das comissões, e sobre atividades especiais de caráter municipal, colegial ou gremial; artigos especiais e fotografias referentes a outras Repúblicas Americanas; fotografias dos dirigentes e oradores locais do Dia Pan-Americano; notícias e informações que interessem os leitores.

A soma da matéria publicada depende em larga medida da maneira em que o pessoal encarregado elabora as notas à imprensa e outra matéria destinada aos relatores. Obedeça-se às seguintes regras: Não esquecer que na maioria dos jornais é limitado o espaço, tendo-se de competir com outros para o uso dê-lo. Não se exagere o envio de notícias à imprensa. Espacem-se bastante a princípio, encurtando os intervalos à medida que se aproxima o Dia Pan-Americano. Acima de tudo, cuide-se que a matéria a enviar tenha interesse e seja convenientemente exposta. As notícias devem ser breves, e dactilografadas em espaço dois. As fotografias devem ser nítidas, em papel brilhante, e vir acompanhadas de legendas apropriadas. Toda a matéria deveria ser acompanhada do nome, endereço e número do telefone do Presidente da Comissão de Publicidade ou da pessoa encarregada da imprensa, e deve levar a data e hora em que pode ser publicada. Consulte-se este manual e outras fontes de informação para obterem-se os antecedentes do assunto e escreverem-se artigos sobre as Repúblicas Americanas e a OEA.

Rádio — As notícias para a imprensa deveriam ser enviadas a todos os redatores da seção de notícias, e abranger, sempre que fôr possível, entrevistas com diplomatas, membros do corpo consular, líderes do Dia Pan-Americano, presidentes de comissões e outras personalidades de relêvo; programas de canto e músicas típicos das Repúblicas Americanas; e séries de perguntas sobre os países da América e o Dia Pan-Americano.

MATERIAL BÁSICO

O presente manual contém muita matéria que pode servir de ponto de partida para palestras, dramatizações e notícias para a imprensa e rádio. O cartaz que o acompanha pode ser mostrado nas escolas, correio, bancos e outros lugares freqüentados pelo público. Para satisfazer os múltiplos requisitos de milhares de coletividades e grupos que celebrarão o Dia Pan-Americano no Hemisfério Ocidental, inclui-se neste volume uma relação dos lugares em que se podem obter mapas, bandeiras, discos e outros materiais apropriados.

RECURSOS LOCAIS

E' provável que existam nessa coletividade inúmeras pessoas talentosas e materiais utilizáveis, que importa descobrir, para a condigna celebração do Dia Pan-Americano. Nos centros em que funcionam estabelecimentos de ensino superior, poder-se-ão, sem dúvida, descobrir professores e estudantes procedentes de outras Repúblicas Americanas. Convidem-se os mesmos a fazer parte da comissão e participar do programa. Convidem-se os membros do corpo consular da região a comparecer às funções públicas e a falar nas reuniões. Pessoas que hajam viajado ou residido em outros países da América podem tomar parte no programa com palestras, ou mostrando filmes, fotografias, diapositivos, ou objetos trazidos do país ou países em que viajaram ou residiram.

LEMA DO DIA PAN-AMERICANO

E' o seguinte o lema do Dia Pan-Americano em 1952: "E' vossa a América — Mantende-a livre!" Mau grado seja êsse o conceito fundamental a desenvolver-se e frisar-se nas palestras e discussões, as Comissões do Programa têm a faculdade de escolher diferentes lemas para realçarem a comemoração.

São numerosas as modalidades do lema básico que podem emprestar cunho interessante às comemorações, ao arranjo de exposições e cartazes, ou à organização de concursos e atividades coletivos. Contam-se entre essas modalidades vários opúsculos.

PROGRAMA PARA A COLETIVIDADE

As sugestões dadas a seguir já foram, com excelentes resultados, postas em prática em celebrações do Dia Pan-Americano no Hemisfério Ocidental. Sendo necessário será fácil adaptá-las às peculiaridades do meio local.

FUNÇÕES PÚBLICAS

a) Proclamação do Dia Pan-Americano pelo governador do Estado ou pelo prefeito da localidade, semanas antes da data.

b) Cerimônia inaugural das comemorações do Dia Pan-Americano no Palácio da Prefeitura ou outro local apropriado.

c) Plantio de uma "Árvore da Paz" ou de um "Jardim da Paz" para simbolizarem a amizade interamericana. Em 1950, por exemplo, plantaram-se em uma cidade 21 variedades de roseiras — uma para cada república americana — no decorrer de uma cerimônia em que tomaram parte autoridades municipais e membros do corpo diplomático latino-americano.

d) Parada do Dia Pan-Americano, à semelhança da realizada na cidade de Nova York a 14 de abril de 1951 (Parada dos Bons Vizinhos), em que marcharam 10.000 pessoas e houve um préstito de 21 automóveis simbólicos das repúblicas americanas.

e) Celebração da "Semana Pan-Americana", nos moldes de uma, de que constaram um banquete, um concerto, deposição de coroas nos monumentos de patriotas americanos, além de uma recepção em honra dos membros do corpo diplomático latino-americano.

f) Festival Pan-Americano, como o patrocinado anualmente, durante dois dias, por organizações cívicas, profissionais e sociais de Lakewood (Califórnia). Em 1950, por exemplo, alunos das escolas da cidade em aprêço exibiram danças folclóricas e trajes característicos das 21 Repúblicas Americanas.

EXPOSIÇÕES E EXIBIÇÕES EM VITRINAS

E' fácil organizar exposições em edifícios públicos, em lugares freqüentados pelo público e em lojas, lançando-se mão de cartazes do Dia Pan-Americano, de mapas, bandeiras dos países americanos, coisas essas que podem servir de ponto de partida para a demonstração da idéia que se deseja inculcar. Podem aproveitar-se para êsse fim as seguintes entidades:

Bibliotecas — Exibição de livros notáveis, para crianças e adultos, dos mais celebrados autores latino-americanos; exposição sobre a OEA, baseada em publicações da União Pan-Americana; exposição de objetos feitos à mão, procedentes dos países da América; filmes e diapositivos sobre as repúblicas americanas.

Câmaras de Comércio — Exibições demonstrativas do comércio interamericano e do desenvolvimento econômico das Repúblicas Americanas; exposições de cacau, açúcar, fumo, cobre, madeiras de lei e outros produtos dos países da América.

Agências de Turismo — Mapas, fotografias de publicações pitorescas das Repúblicas Americanas.

Bancos — Exposição das moedas das Repúblicas Americanas.

Correios — Selos postais das Repúblicas Americanas, emprestados e obtidos pelos filatelistas da localidade; mapas das rotas aéreas, das distâncias e preços de porte entre as mesmas.

Clubes Automobilísticos — Mapas da rede das Estradas Pan-Americanas, demonstrando a maneira em que se entroncam em virtude do grande projeto cooperativo das 21 Repúblicas Americanas; exibições de publicações turísticas e de fotografias dos países americanos; informações sobre clubes automobilísticos associados nas outras repúblicas do Continente.

Museus e Galerias de Arte — Exposições especiais de pinturas, produtos das artes populares e artefatos das outras Repúblicas Americanas.

Farmácias e Drogarias — Exposição, nas vitrinas, de drogas e substâncias químicas procedentes das outras Repúblicas Americanas, ou de produtos que as contenham.

Lojas — Exposição, nas vitrinas, de amostras de artes populares típicas, de bonecas, jóias e trajes das outras

Repúblicas Americanas, coisas essas não raro obtidas por meio de pessoas que residiram ou viajaram nos outros países da América; exibição de artigos do estoque da loja, procedentes no todo ou em parte dos outros países da América.

Armazéns — Exibição, nas vitrinas, de comestíveis oriundos das outras Repúblicas Americanas.

ESCOLAS E UNIVERSIDADES

REUNIÃO DOS PROFESSORES E ESTUDANTES

Uma reunião especial no Dia Pan-Americano, com a presença dos corpos docente e discente, é a melhor maneira de atrair a atenção dos estudantes de um estabelecimento de ensino sobre a importância da data que se celebra. Para reuniões dessa natureza, costuma-se ter um ato de apresentação das bandeiras das 21 Repúblicas Americanas; breves alocações sobre o Dia Pan-Americano e a Organização dos Estados Americanos; um programa musical (orquestra ou cantos corais); uma pequena representação dramática ou quadro vivo; e um filme acerca da vida ou viagens nas outras Repúblicas Americanas.

FOCALIZAÇÃO DA OEA

As aulas de história, ciência política, educação cívica, inglês e espanhol prestam-se esplendidamente para o estudo do desenvolvimento e obra da OEA, embora abundem oportunidades em outras aulas para versarem-se as realizações dessas entidades, no decorrer do Dia ou Semana Pan-Americanos. Nas classes, por exemplo, de literatura, poder-se-iam escrever composições sobre a OEA. Nos cursos de geografia expor-se-ia a interdependência dos países da América no comércio, indústria e turismo. Nas classes de botânica se demonstraria como em matéria de produtos médicos essenciais, substâncias químicas e madeiras, os vários países dependem um do outro. Nas classes de economia política se frisaria a importância recíproca dos países no tocante ao comércio e requisitos básicos nacionais.

PROJETOS ESPECIAIS

As sugestões apresentadas a seguir principiam por simples projetos para os primeiros anos escolares, crescendo em importância e complexidade para os graus secundários e superiores. Esses projetos são suscetíveis de desenvolvimento e de adaptação às circunstâncias particulares das escolas ou grupos estudantis.

Exibições Pictóricas — Exibições pictóricas de bandeiras, de retratos de heróis, de pássaros e flores típicas das Repúblicas Americanas, encantarão as crianças, as quais gostarão de fazer um livro com recortes de jornais, etc., sobre o pan-americanismo.

Concursos — Nas classes de arte e de linguagem é fácil organizarem-se concursos de cartazes ou composições sobre assuntos tais como: "Somos Todos Americanos", "Paz em nosso Hemisfério", "Nossos Vizinhos, os outros Americanos."

Vestidos de Bonecas — Pode repetir-se o que foi feito em uma escola, onde se confeccionaram 21 trajes nacionais das Repúblicas Americanas, vestindo-se com eles bonecas que foram exibidas, atraindo a atenção pública.

Confecção de Mapas — Ótima idéia para as classes de geografia. Podem incluir-se mapas em relevo, modelados em barro, que serão exibidos; mapas individuais das 21 Repúblicas Americanas ou do Hemisfério Ocidental, coloridos com lápis ou tintas de aquarela; mapas pictóricos, mostrando os principais produtos, as redes de comunicação, a flora e a fauna, os produtos agrícolas e minerais, além de outros característicos de cada país.

Selos e Moedas — Se a escola contar com um clube de filatelia, este se poderia encarregar de uma exposição de selos e moedas dos outros países americanos. Em caso de inexistência daquele, poder-se-iam persuadir os colecionadores particulares a fazer uma exposição de suas coleções.

Artes Manuais — Oferece o Dia Pan-Americano boa oportunidade para os estudantes imaginarem e engenham objetos nas oficinas e classes de trabalhos manuais. Nesse campo já têm sido feitos modelos do Canal do Panamá, estruturas panorâmicas das plantações de bananas e de café, da produção do açúcar, e modelos de casas americanas típicas.

Clubes de Espanhol e de Inglês — Os clubes de espanhol e de inglês, em virtude de interessarem-se diretamente na língua e na vida dos países americanos, representam não raro papel predominante nas celebrações escolares e universitárias do Dia Pan-Americano. Esses clubes podem levar peças em espanhol e inglês e executar programas especiais em reuniões ou nos estudos das emissoras locais.

Jornal Escolar — Se a escola publicar um jornal, este poderá contribuir muitíssimo para a celebração do Dia Pan-Americano, especialmente publicando uma edição especial comemorativa da data, com artigos sobre as Repúblicas Americanas e sobre a celebração na escola. Algumas palavras do diretor acerca da significação do Dia Pan-Americano, e saudações dos membros do corpo consular e outros dignitários, prestigiam muito esses números especiais do jornal escolar.

Permutas — Um dos gestos mais eficazes e de consequências mais duradouras nas relações amistosas interamericanas refere-se à permuta de bandeiras com os estudantes de outras nações americanas. Por intermédio dos membros do corpo diplomático podem obter-se bandeiras ou outros brindes simbólicos, e por intermédio do Ministério da Educação do país ou países, que se têm em mente, podem enviar-se saudações, aos mesmos.

GRÊMIOS

Grêmios profissionais, comerciais, sociais, etc. podem concorrer para comemoração condigna do Dia Pan-Americano, tomando parte em celebrações locais, ou celebrando-o eles próprios. Poderiam organizar-se almoços para os quais se convidariam membros do corpo consular, professores, e estudantes de outras Repúblicas Americanas para serem hóspedes de honra ou oradores. Não é difícil, tão pouco, a permuta de saudações ou brindes com organizações correspondentes de outros países da América. Os oradores poderiam, ao almôço, descrever o progresso da cooperação interamericana e da OEA, e de suas realizações no campo da ciência, educação, comércio ou em outro domínio que interesse determinado grupo.

CLUBES FEMININOS

As 21 Repúblicas Americanas contam, entre seus filhos, mulheres de nomeada, conhecidas em todo o Hemisfério Ocidental, as quais se têm salientado no domínio da cultura, religião e trabalho social nas Américas. Cumpre, pois, que os clubes femininos desempenhem papel proeminente nas celebrações do Dia Pan-Americano, por revelar a experiência obtida no passado que sua contribuição é uma das mais conspícuas.

Os clubes que não contam com uma Comissão Pan-Americana permanente deveriam aproveitar a oportunidade e estabelecer uma. Ao planejar-se a celebração do Dia Pan-Americano convém não esquecer a inclusão nas atividades de senhoras de outras Repúblicas Americanas residentes na localidade — estudantes, professores, esposas de membros do corpo diplomático americano, e outras mais.

Qualquer que seja a natureza da celebração — reunião especial, chá, almôço ou jantar, quermesse, etc. — importa concentrar a atenção no simbolismo do Dia Pan-Americano, na interdependência das 21 nações americanas, e na obra da OEA. Seguem algumas sugestões:

Para Reuniões no Dia Pan-Americano — Palestra sobre o desenvolvimento e realizações da OEA; programa de música americana; palestra crítica sobre os livros mais importantes dos principais escritores americanos, com a possível leitura de trechos escolhidos de suas obras; traços biográficos de mulheres americanas distintas, os nomes de

muitas das quais figuram em uma lista ao fim desta seção.

Para Almoços, Jantares e Festas no Dia Pan-Americano — A fim de imprimir-se o cunho característico de uma festa latino-americana, trate-se de arranjar menus em que figurem pratos latino-americanos; uma exibição de trajes de todos os países da América, ou, em vez disso, arranje-se para que algumas das convivas, das pessoas que tomam parte no programa ou das que servem, vistam trajes típicos; música regional, cantos e danças, peça teatral, quadro vivo ou filme.

Vários Projetos — Vários projetos executados por clubes femininos constaram do seguinte: Quermesse pan-americana, com barracas representando cada uma das 21 nações americanas, nas quais se exibiam objetos feitos à mão, jóias e tecidos característicos; plantio de uma "Árvore da Paz" ou "Árvore da Amizade", dedicada às mulheres da América; plantio de um "Jardim da Amizade", dedicado às outras Repúblicas Americanas; permuta de cartas, fotografias e receitas culinárias com as mulheres de outros países da América, bem como a "adoção", pela coletividade, de um estudante de um dos outros países.

MULHERES AMERICANAS

Dentre as mulheres notáveis da América, que poderiam ser homenageadas nos clubes femininos por ocasião do Dia Pan-Americano, sobressaem POLICARPA SALAVARRIETA, heroína e mártir colombiana do primeiro movimento revolucionário contra o jugo espanhol; MANUELA SÁENZ, equatoriana, aliada do Grande Libertador, Simón Bolívar, nas guerras de independência contra a Espanha; SANTA ROSA DE LIMA (Isabel Florés de Oliva), Padroeira de Lima, Peru, onde ela nasceu e morreu, e da América; SÓROR INÊS DE LA CRUZ, monja e poetisa do México, cuja lindíssima produção lírica e dramática lhe conquistou fama internacional; JANE ADDAMS, dos Estados Unidos, que se ilustrou mediante suas realizações sociais e humanitárias, sua liderança em prol da paz, a qual lhe valeu o Prêmio Nobel da Paz, e sobretudo mediante sua obra social em Hull House de Chicago; GABRIELA MISTRAL, distinta poetisa chilena, educadora e diplomata, a qual conquistou, em 1946, o Prêmio Nobel de Literatura; BIDU SAYÃO, brasileira, soprano lírico universalmente aclamado e cantora da Metropolitan Opera Company; DR. SOFIA DE DEMICHELLI, eminente advogada uruguaia, legisladora e líder do movimento em favor da concessão dos direitos civis às mulheres; DR. REBECCA CARRIÓN, diretora do Museu Arqueológico Nacional de Lima, e uma das mais celebradas autoridades nas civilizações pré-colombianas do Peru; e AMALIA CASTILLO DE LEDON, presidente da Comissão Interamericana de Mulheres, e uma das maiores defensoras dos direitos femininos em sua pátria, o México, e em outras partes da América.

O SISTEMA INTERAMERICANO

Desde o dia em que Colombo arribou a terras de América, o Hemisfério Ocidental presenciou muitas e cruéis guerras — de conquista e de independência; escaramuças fronteiriças, intervenções armadas e guerras civis. Entretanto, o estudo da história do Novo Mundo põe indubitavelmente a calvo o seguinte: Nós, americanos, temos gozado de paz por mais tempo e com maior frequência do que qualquer outro povo do mundo. E, o que mais é, ao passo que a guerra se torna mais freqüente, vasta e destrutiva em outras regiões do orbe, patenteiam as Américas a inegável tendência de colocarem a guerra fora da lei em suas relações internacionais, e de dirimirem seus dissídios por meios pacíficos. E' essencialmente justo que no Dia Pan-Americano nós nos regozijemos da paz em nosso Hemisfério, e entendamos como e por que se conseguiu.

A paz das Américas não é obra do acaso. As razões que a determinaram jazem nos pertinazes esforços dos estadistas e povos americanos em prol da amizade e união em nosso Hemisfério, através do sistema interamericano, hoje simbolizado pela Organização dos Estados Americanos. E' pouco conhecida essa história, por isso que,

nos fastos dos povos, se enaltece menos a paz do que a guerra, decantam-se menos os pacificadores do que as láureas dos generais. A história da paz no Hemisfério Ocidental coincide com a da Organização dos Estados Americanos, sendo nosso intuito referir essa história.

Remontam êsses acontecimentos a mais de 125 anos atrás. Por volta de 1825, a maior parte das colônias das Américas do Sul e do Norte haviam conquistado sua independência, mau grado se acharem seriamente comprometidas sua soberania e segurança pela cobiça das potências européias. O magno libertador sul-americano, Simón Bolívar, empenhando-se em conquistar, para a América, segurança e paz com o mesmo denodo com que ganhara sua liberdade, convidou as novéis Repúblicas Americanas a reunirem-se, em 1826, na cidade do Panamá.

Por mais de uma década, pugnara Bolívar pela idéia de uma grande federação americana, uma Liga das Nações do Novo Mundo. "Mais do que qualquer outra pessoa," escreveu em 1815, "desejo ver formar-se na América a maior nação do mundo, não tanto no que entende com extensão e opulência, mas no que diz respeito à sua glória e liberdade... Quão belo não seria se o Istmo do Panamá se convertesse, para nós, no que o Istmo de Corinto representou para os gregos! Oxalá nos conceda Deus a ventura de um dia instalarmos ali um augusto congresso... para discutir e estudar os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo!"

Sonharam o mesmo sonho de Bolívar muitos dos líderes do movimento da independência na América Latina. No Norte do Continente, Henry Clay, Secretário de Estado dos Estados Unidos, apoiou com vigor o proposto Congresso do Panamá, profetizando que "inauguraria uma nova época nos negócios do mundo."

O sonho de Bolívar e a profecia de Clay foram realizados mas não imediatamente, por isso que êstes estadistas estavam um século na frente de seus coevos. Ao tempo que a Europa lançava uma coligação armada contra outra, na porfia de arquivar a precária paz da "Balança do Poder", Bolívar visionou e teve a audácia de propor uma nova forma de organização internacional baseada em conceitos tão radicais, que o mundo de então não a pôde aceitar.

A liga das nações, que propôs se criasse no Panamá, seria uma associação de Estados independentes, em que nenhum seria mais fraco que os outros, em que nenhum seria mais forte. Ao revés de outras alianças, não se estriaria esta na geografia, necessidade militar ou religião, por si sós, mas, sim, em um conceito único de lei, liberdade, justiça e mútuas obrigações. Bolívar apresentou êsse magnífico ideal ao Congresso do Panamá, mas o acompanhou de um plano concreto de ação. Seus traços principais, incorporados no Tratado de Confederação, assinado em 1826 pelos delegados ao Congresso do Panamá, estabeleceu precedentes para o futuro desenvolvimento da organização internacional, na qual hoje repousa a paz da América.

O primeiro desses princípios era a segurança coletiva. O Tratado de Confederação previa a defesa coletiva das Américas contra ataques armados, mediante um exército interamericano, a constituir-se com elementos provenientes de cotas distribuídas a cada uma das nações americanas. O que Bolívar propusera em 1826, tenta o mundo agora pôr em prática mediante NATO.

Referia-se o segundo à "União Perpétua, Liga e Confederação" e emergiu desse Congresso do Panamá, arauto da Liga das Nações e das Nações Unidas, e origem da entidade viva e dinâmica, hoje conhecida por Organização dos Estados Americanos.

O terceiro era o princípio de arbitragem e conciliação ao se dirimirem os dissídios interamericanos, o qual fôra adotado em 1890, por base das relações interamericanas, sendo, em 1899, estendido a outras regiões, quando da criação da Côrte Permanente de Arbitragem pela Conferência de Haia.

Todavia, por mais de meio século, a semente da cooperação interamericana, plantada por Bolívar no Panamá, permaneceu em letargia. O Tratado de Confederação,

então assinado, só a Colômbia o ratificou. Acanhados nacionalismos, suspiciões e desconfianças afastaram as novas repúblicas, impedindo a união que Bolívar contemplara. Entrementes, guerras esporádicas enfraqueceram seus recursos materiais e humanos. Despontou a luta econômica interna, luta que a falta de comunicações ainda tornava mais aguda, dificultando o comércio interno e o externo.

Foi só em 1889 que o sonho de Bolívar entrou de florescer com a convocação, em Washington, da Primeira Conferência Internacional Americana. Esse conclave, que se deveu à sugestão e convite dos Estados Unidos, foi um triunfo para o Secretário de Estado, James G. Blaine, o qual, a partir de 1881, viera combatendo a tendência isolacionista que se opunha à reunião em aprêço. Em seu caráter de Secretário de Estado, foi ele um dos maiores expoentes do êxito final, dirigindo aos delegados em seu discurso de encerramento as seguintes palavras, com que sumariou os resultados obtidos:

"Se, no momento do encerramento, não pudesse a conferência proclamar senão uma realização, ousaríamos chamar a atenção do mundo para a deliberada, confiante e solene dedicação de dois continentes à paz e à prosperidade fundada na paz. Afirmamos que essa nova Magna Carta, que elimina a guerra, substituindo-a por arbitramento entre as Repúblicas Americanas, constitui as grandes primícias da Conferência Internacional Americana."

Contam-se entre as realizações concretas da "Primeira Conferência Internacional Americana" a criação da "União Internacional das Repúblicas Americanas", sediada em Washington, e a "Secretaria Comercial das Repúblicas Americanas", competindo à segunda coligir e distribuir informações econômicas às nações filiadas. Por volta de 1910, crescera a tal ponto o trabalho dessa Secretaria, que se impôs o estabelecimento de uma organização, calcada em moldes mais vastos, bem como de uma sede permanente. No ano de que se trata, a Quarta Conferência Internacional Americana, reunida em Buenos Aires, mudou o nome da organização para "União das Repúblicas Americanas", e o da Secretaria Comercial para "União Pan-Americana". A seguir, inaugurou-se em 1910 o magnífico palácio de mármore, construído em Washington graças à munificência de Andrew Carnegie, o qual passou a ser a sede permanente da União Pan-Americana ou a "Casa das Américas".

Desde a histórica data em 1889-90, realizaram as Repúblicas Americanas nove conferências periódicas, contribuindo cada uma delas em larga medida para dilatar-se e robustecer-se o alvo da cooperação interamericana e da paz no Hemisfério Ocidental. O último passo dado para o estabelecimento da organização ocorreu em 1948 com o estabelecimento da Organização dos Estados Americanos na Nona Conferência Internacional Americana (Bogotá, Colômbia), devido à atuação das 21 Repúblicas Americanas. Elaborou-se nessa ocasião a Carta da OEA, a qual entrou em vigor a 13 de dezembro de 1951, com a ratificação da Colômbia, obtendo-se, então, a aprovação dos dois terços das nações signatárias, requeridos para adquirir o documento força jurídica entre as Repúblicas Americanas.

A OEA EM AÇÃO

O característico dominante da atuação da OEA, seja ao defender as Américas contra a agressão, seja ao defender os americanos contra doenças, penúria, ignorância ou catástrofes, tem sempre sido a cooperação. Para bem compreender-se como a OEA concorre para nossa segurança e bem-estar, encaremos algumas das recentes realizações das Repúblicas Americanas na construção do mecanismo de paz, daquela organização, e seus esforços conjuntos em prol do melhoramento da vida.

CONSTRUÇÃO DO MECANISMO DE PAZ DA OEA

Desde 1890, vem a OEA estabelecendo, mediante conferências regulares e especiais, um mecanismo de comprovada eficiência para a defesa das Américas contra agressões de qualquer procedência, e a solução pacífica de diferenças interamericanas.

A maior parte das conferências interamericanas declararam ser o propósito das Repúblicas Americanas dirimir suas divergências através de mediação, arbitramento ou outros métodos pacíficos. Outrossim, a grande maioria dessas conferências fortaleceu e ampliou os processos para a solução pacífica dos dissídios.

Quase todas as conferências interamericanas afirmaram igualmente o princípio de que um ataque contra uma das Repúblicas Americanas, seja qual for sua procedência, deve ser tido por ataque contra todas, e ser repellido mercê de sua ação conjunta. Ademais, as Repúblicas Americanas criaram os meios para, quando necessário, dar execução a esse princípio.

Esse mecanismo de paz foi construído gradualmente, no decorrer dos anos, por meio de tratados e acordos. Avultam entre estes uma convenção assinada na Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz, reunida em Buenos Aires em 1936, em que se declarou que todo ato atentatório da paz em qualquer dos Estados Americanos afeta cada um dos Estados Americanos e justifica consultas; a Declaração de Lima (1938), que reafirmou a intenção, por parte das Repúblicas Americanas, de defenderem sua paz e segurança contra qualquer agressão estrangeira, e estabeleceu métodos para consultas em caso de emergências; o Ato de Chapultepec, assinado na Conferência Interamericana sobre Problemas da Guerra e da Paz (Cidade do México, 1945), que estipulou a defesa conjunta de todas as Repúblicas Americanas em caso de agressão contra uma delas; e o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca — comumente designado por "Tratado do Rio" — que prevê a defesa coletiva por parte de todas as Repúblicas Americanas contra ataque armado ou ameaça à segurança de uma delas, de qualquer procedência que seja.

A eficácia desse mecanismo de paz cuidadosamente engenhado foi demonstrada em várias crises internacionais, entre as quais figuram as seguintes:

Guerra na Europa — O rompimento da guerra na Europa, em 1939, foi seguido, ao cabo de um mês, por uma reunião consultiva de emergência dos Chanceleres americanos, na cidade do Panamá, reunião essa que traçou uma zona neutra em torno do Continente Americano, à qual não se estenderiam atividades bélicas. A violação dessa zona neutra, e a ocupação da França e Holanda por parte da Alemanha, levaram a uma segunda reunião de consulta em Havana (1940). Nessa ocasião, as Repúblicas Americanas tiveram de encarar o problema da possível ocupação das colônias européias pelas potências do Eixo, e sua conversão em pontos estratégicos de ataque às nações do Novo Mundo. Adotaram-se medidas específicas nessa reunião para prevenir ato dessa natureza, procedente do Eixo, e cuidou-se de fortalecer a defesa conjunta das nações americanas.

Pearl Harbor — As medidas tomadas na reunião de Havana, contidas na histórica Convenção de Havana, estabeleceram auxílio mútuo e cooperação de todas as Repúblicas Americanas em caso de ataque contra uma delas. Destarte, quando os japoneses atacaram os Estados Unidos em Pearl Harbor, as outras Repúblicas Americanas interpretaram esse ato como ataque dirigido contra todo o Continente Americano. Várias delas, de fato, anteciparam-se aos Estados Unidos declarando guerra ao Eixo, e todas se achavam em guerra com essas potências antes da terminação do conflito.

Cinco semanas depois de Pearl Harbor, efetuou-se no Rio de Janeiro a terceira reunião de consulta para o planejamento da defesa do Hemisfério Ocidental. Deram-se passos para opor-se à propaganda do adversário, a movimentos subversivos, sabotagem e espionagem em qualquer ponto do Hemisfério. A Junta Interamericana de Defesa, freqüentemente comparada ao Estado-Maior das Américas, foi criada para planejar e executar a defesa militar do Continente. Outras medidas aprovadas no Rio de Janeiro referiam-se a comunicações, transportes, produção de matérias-primas estratégicas, e outros assuntos de transcendente importância na luta contra o Eixo.

A cooperação das Repúblicas Americanas foi tão eficaz nos campos e fábricas e minas e campos de batalha,

quanto o fôra em torno da mesa de conferências. Tropas brasileiras bateram-se ao lado das forças dos Estados Unidos na frente italiana. Aviadores mexicanos executaram vôos no Pacífico contra o inimigo comum. Imensas quantidades de borracha, cobre, madeiras de lei, drogas, estanho e outros materiais estratégicos foram transportados pelo ar das Repúblicas Americanas para a guerra travada pelas democracias. Costa Rica e outros países da América Central produziram gêneros alimentícios para as guarnições da Zona do Canal do Panamá e de outros pontos, permitindo, destarte, utilizarem-se em outras regiões os meios de transporte marítimos, de que havia tão urgente necessidade. As bases aéreas, marítimas e terrestres fornecidas pelas Repúblicas Americanas desempenharam importantíssimo papel na defesa continental e na vitória final. Vasos de guerra e aviões latino-americanos vigiaram o Atlântico Sul e o Pacífico Sul para impedir a ação dos submarinos inimigos, ao mesmo tempo que tropas latino-americanas patrulhavam a costa da América por milhares de léguas, a fim de se oporem a ataques ou infiltração por parte do adversário. No decorrer dos quatro anos, que durou essa luta em que esteve em jogo a sobrevivência da democracia, demonstraram dramaticamente os países da América que sua solidariedade se baseava em fatos e não somente em palavras.

O Tratado do Rio — O mecanismo de paz da OEA foi ainda consolidado em 1947, ao assinar-se no Rio de Janeiro o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca. Esse tratado, que entrou em vigor em dezembro de 1948, corresponde, no Hemisfério Ocidental, ao Pacto do Atlântico Norte, havendo em múltiplos pontos servido de modelo ao segundo. Juntamente com o Tratado Americano de Soluções Pacíficas, mediante o qual se comprometem as Repúblicas Americanas a dirimir suas diferenças por métodos pacíficos, constitui ele a melhor garantia de paz interna e de defesa contra ataques de qualquer procedência. Singularizando-se, entre os tratados internacionais, por seu objetivo e significação na paz e na guerra, por ele se obrigam os Estados Americanos a agir com decisão para enfrentar ataques armados contra qualquer deles. Estabelece consultas e medidas de ação na ocorrência de tal ataque ou de quaisquer outras circunstâncias que ponham em perigo a paz e a segurança das Américas; delimita uma vasta zona de segurança no Hemisfério Ocidental, da qual proscreve todo e qualquer ato de agressão; enumera sanções políticas, econômicas e militares a serem empregadas contra agressores, e coordena a maquinaria de paz do Hemisfério com a das Nações Unidas.

Duas vezes foi o Tratado do Rio pôsto à prova em conexão com as disputas na região antilhana, alcançando grande êxito em questões que em outras partes do mundo teriam facilmente acendido longas e cruas guerras. Uma semana depois de haver entrado em vigor o tratado — 3 de dezembro de 1948 — foi ele invocado por Costa Rica, sob a alegação de que a vizinha república de Nicarágua violara a fronteira e a integridade territorial costarriquenses, permitindo que forças revolucionárias atravessassem a linha divisória do país, para derrubar o governo nacional.

O Conselho da OEA, constituído por embaixadores representantes das 21 Repúblicas Americanas — um de cada país — assumindo provisoriamente o caráter de órgão de consulta, nos termos do Tratado do Rio, reuniu-se imediatamente, designando uma comissão, de que faziam parte consulares militares, para efetuar investigações *in loco*. Ao cabo de dez dias, a dita comissão apresentou um relatório, baixando, então, o Conselho uma resolução em que solicitava que Costa Rica e Nicarágua se abstivessem de todo e qualquer ato de hostilidade, tomassem medidas para impedir a repetição dos acontecimentos que haviam provocado o incidente fronteiriço, e se consultassem continuamente até normalizar-se a situação. Nomeou-se, então, uma comissão de técnicos militares, incumbida de fiscalizar a execução da dita resolução. Ambos os países se submeteram inteiramente à resolução da OEA, de modo que se deu por oficialmente terminado o incidente ao assinarem eles um Tratado de Amizade na União Pan-Americana, em Washington, a 21 de fevereiro de 1949.

Dois anos transcorreriam até pôr-se de novo à prova a maquinaria de paz da OEA. Nessa ocasião invocou o

Haiti o Tratado do Rio contra a República Dominicana, que acusava de agressão. A República Dominicana, contrapondo acusações análogas, invocou o mesmo tratado contra a nação vizinha. Envolvidas em diferentes graus, nessa explosiva situação, viram-se igualmente Cuba, Costa Rica e Guatemala. A despeito de considerar-se esse dissídio mais complexo e de alcance mais vasto que o incidente fronteiriço entre Costa Rica e Nicarágua, a atuação da OEA foi coroada do mesmo êxito. Enviou-se à região antilhana uma comissão de investigação, incumbida de levar a cabo acuradíssimas indagações e pesquisas, à luz das quais chegaram a acôrdo os países envolvidos, contribuindo-se, destarte, em alta medida para a eliminação de velhos motivos de atrito na região antilhana, e para fortalecer-se a paz no Novo Mundo.

Mais uma vez, em dezembro de 1951, patentearam as Repúblicas Americanas sua capacidade de resolver pacificamente suas diferenças. Nessa ocasião a Comissão Interamericana de Paz, parte integrante que é do sistema interamericano de cooperação, serviu de mediador em controvérsia havida entre Cuba e a República Dominicana, a pouca gravidade da qual não justificava a invocação do Tratado do Rio. Acusara Cuba à República Dominicana de haver ilegalmente seqüestrado e aprisionado cinco marinheiros cubanos, cuja libertação ela reclamava. A República Dominicana, por seu turno, acusou Cuba de não dar os necessários passos para a manutenção de relações amistosas entre os dois países. Durante uma semana escutou a Comissão Interamericana de Paz as alegações de ambos os lados, conseguindo, no dia de Natal, que ambos os governos entrassem em acôrdo, fato esse que constituiu um passo a mais para o estabelecimento de boas relações entre os dois países em questão.

Agressão Comunista — A agressão comunista na Coreia provocou, dentro de breve lapso, uma declaração de solidariedade dos 21 Estados membros na reunião do Conselho da OEA. Essa agressão constituiu o principal motivo de solicitarem os Estados Unidos uma Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, a quarta a realizar-se no espaço de 12 anos. Verificou-se a mesma de 26 de março a 7 de abril de 1951, na União Pan-Americana.

Ao solicitar que o Conselho da OEA convocasse a reunião, referiram-se os Estados Unidos à ameaça comunista nos seguintes termos:

"A orientação agressiva do Comunismo internacional, levada a efeito por meio de seus satélites, criou uma situação em que se acha ameaçado o mundo livre em sua totalidade... Havendo adotado urgente mobilização em prol da defesa comum, os Estados Unidos desejam consultar seus companheiros, os membros da Organização dos Estados Americanos, no tocante à situação mundial que todos enfrentamos, e à coordenação dos esforços comuns necessária nesta conjuntura..."

As 21 Repúblicas Americanas estiveram representadas na reunião por seus mais distintos estadistas. Deu-se início ao estudo das medidas que se impunham para combater a política agressiva do Comunismo internacional mediante os recursos militares, políticos e econômicos das 21 nações membros da OEA. No decorrer das deliberações, que duraram duas semanas declararam os Ministros das Relações Exteriores ser a intenção das repúblicas americanas permanecer firmes e unidas na emergência existente, e em face de agressão perpetrada contra qualquer delas. Convieram em cooperar com as Nações Unidas a fim de prevenir e esmagar a agressão em outras partes do mundo, e em dar passos para aperfeiçoarem suas defesas militares para o benefício coletivo dos países da América. Solicitaram a revisão das leis dos Estados Membros, a fim de prevenir-se e punir-se as atividades subversivas dos agentes comunistas, e baixaram várias resoluções referentes à produção de materiais estratégicos, ao desenvolvimento econômico, ao transporte e a outros assuntos essenciais à boa coordenação da defesa em âmbito continental.

A Carta da OEA — Mais um marco histórico foi erguido no domínio das relações interamericanas, quando a Colômbia depositou a décima quarta ratificação da Carta da OEA a 13 de dezembro de 1951, fazendo entrar

em vigor esse documento básico. Na Carta, reafirmam as Repúblicas Americanas sua determinação

"De conseguir uma ordem de paz e de justiça, de promover sua solidariedade, intensificar sua colaboração e defender sua soberania, sua integridade territorial e sua independência."

Continuando, estipula a Carta estreita cooperação em vários domínios, avultando, todavia, em importância os processos descritos com grande clareza para a solução pacífica de toda e qualquer disputa surgida entre os 21 países da América. Esses processos, definidos e reiterados, com princípios básicos figurando em numerosos tratados e acordos, fazem atualmente parte da estrutura jurídica do sistema interamericano de cooperação, culminando os longos anos de esforços das repúblicas americanas, a boa vontade com que submeteram suas diferenças a solução pacífica, a união e solidariedade mantidas na paz e na guerra, o que cada vez mais aproxima o grande sonho de Bolívar de sua realização.

COOPERAÇÃO NAS AMÉRICAS

Cooperação tem sempre sido a nota técnica das relações interamericanas, e se fez sentir, através dos anos, na maior parte dos domínios da atividade humana — na agricultura, construção de casas, saúde, educação, arte, música, turismo, comércio, bem-estar da infância, etc. Essa cooperação, sempre caracterizada por eficiência e harmonia, recebeu novo impulso em 1951, ao lançar a OEA um programa de cooperação técnica, mercê de fundos fornecidos pelas nações membros, programa que constitui uma empresa singularizada pelo alvo colimado e pela organização. Pela primeira vez na história, 21 nações, conjugando seus recursos e esforços em base igualitária, tratavam de contribuir para o bem-estar e progresso gerais.

Dos exemplos abaixo citados se verá como os Estados Membros da OEA colaboram para converter a América em um continente em que a vida decorra mais amena:

Cooperação no Campo Educacional — Um dos objetivos primordiais da OEA relaciona-se com a eliminação do analfabetismo e o estabelecimento de educação gratuita, universal e compulsória no Hemisfério Ocidental. Revelam censos recentemente realizados a existência de 70 milhões de americanos analfabetos e de mais de 20 milhões de crianças para as quais não há nem escolas as mais rudimentares e nem professores.

Enquanto perdurar essa situação, esses milhões de americanos não poderão aprender a combater doenças, a cultivar a terra convenientemente, a conservar os recursos naturais, e nem a desempenharem seu papel de cidadãos conscientes no seio de suas coletividades. Sua capacidade de ganho e seu padrão de vida serão baixos, tendendo a fazer baixar, de um modo geral, o nível de vida de seus vizinhos e compatriotas.

A OEA, em conjunto com os vários governos membros e entidades interamericanas e mundiais, está tratando de resolver o problema. A campanha contra o analfabetismo e em prol da educação, resultante dos seminários interamericanos de educação, patrocinados pela OEA em Caracas (1948), no Rio de Janeiro (1949), e em Montevideu (1950), intentaram converter esses milhões de analfabetos em membros úteis e produtivos da coletividade americana, fornecendo-lhes os instrumentos básicos do saber.

Um dos projetos constantes do Programa de Cooperação Técnica da OEA trata do estabelecimento de duas escolas normais interamericanas para professores rurais que serão "mestres de mestres". Professores rurais de áreas geográficas semelhantes serão trazidos aos centros, onde se aperfeiçoarão durante dois anos, ao cabo dos quais voltarão a seus países, onde organizarão e superintenderão escolas normais rurais, e adestrarão professores para ensinar em zonas rurais. O programa das duas escolas normais rurais focalizará as necessidades e problemas rurais.

Encara-se igualmente, como solução de emergência ao problema de 20 milhões de crianças americanas despro-

vidas de escolas, a criação de Escolas Primárias Fundamentais. Economizando pessoal, aparelhamento e prédios, essas escolas facultarão cursos breves mas adequados. Formarão jovens alfabetizados com os necessários conhecimentos para levarem vidas sadias, produtivas e bem equilibradas; para praticarem os princípios da democracia e contribuirem ao melhoramento da América. Finalmente, preencherão a lacuna existente na educação americana, até se providenciarem escolas definitivas, perfeitamente aparelhadas.

Conjuntamente com a UNESCO, estabeleceu a OEA uma repartição para a produção de materiais destinados à educação fundamental, os quais se usarão na alfabetização e nas campanhas em prol da educação dos adultos. Consiste esse material em singelas cartilhas e em meios audiovisuais auxiliares, e visa não somente a ensinar a ler e escrever, como também a divulgar noções de higiene, dos problemas sociais, de agricultura e civismo.

Outras fases das atividades educacionais cooperativas da OEA incluem empréstimos para ajudar estudantes a continuarem seus estudos; assistência a estudantes na escolha de escolas e universidades nas várias repúblicas americanas; auxílio a professores na organização de cursos sobre assuntos interamericanos; e um centro de informações acerca de posições existentes para professores, e de bolsas de estudo nos vários países da América.

Cooperação no Campo da Saúde e Enfermagem — Em face da necessidade do combate às moléstias transmissíveis, que sentem todas as repúblicas americanas, refere-se outro projeto de Cooperação Técnica da OEA ao treinamento de enfermeiras diplomadas para tratarem das vítimas de moléstias transmissíveis, e ensinarem a maneira de evitarem-se essas moléstias. O primeiro desses centros de treinamento verificou-se na cidade de Guatemala, em 1951, com alunos procedentes do México, América Central e região antilhana. Um segundo, a realizar-se em 1952, destina-se a alunos dos países da América do Sul.

As 21 repúblicas americanas colaboram, outrossim, por meio da OEA, na prevenção de doenças e epidemias, empregando medidas tais como a extinção de mosquitos, a fiscalização regular das condições sanitárias no Hemisfério Ocidental, demonstrações de métodos destinados a lidar com os problemas sanitários, consultas aos vários governos sobre a maneira de melhorar seus serviços sanitários, abastecimento de água e redes de esgoto, serviços para prevenir o alastramento de epidemias, e campanhas *in loco* para a extinção das doenças reinantes. Quando ocorrem catástrofes, tais como terremotos, inundações, etc., a OEA envia médicos, enfermeiras, medicamentos, ataduras, inseticidas, substâncias para a purificação da água, além de outros meios requeridos pelas zonas devastadas. Em consequência dessa obra conjunta, nota-se a constante elevação dos padrões sanitários das repúblicas americanas, bem como o desaparecimento virtual de moléstias que grassavam em múltiplos pontos do Hemisfério Ocidental.

Cooperação em prol de Melhores Culturas e de Mais Alimentos — É a agricultura a base da vida e da economia das Repúblicas Americanas. O levantamento dos padrões de vida e a consolidação da economia desses países dependem em larga escala da eficiência com que se desenvolvem seus recursos naturais, e dos conhecimentos técnicos dos agricultores.

A OEA tem cooperado largamente nesse domínio, demonstrando ao elemento rural a maneira de produzir mais e melhores alimentos, de proteger o solo e as florestas, de empregar os mais recentes métodos científicos nas fainas agrícolas, quer em pequena, quer em larga escala.

Deve-se grande parte dessa obra ao Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, que a OEA mantém em Turrialba, Costa Rica. Assiste esse Instituto aos vários países do Continente, realizando estudos, dando consultas em matéria de conservação do solo, de pecuária, pescarias, florestas, combate a doenças vegetais e animais, nutrição nas zonas rurais, etc. Realizou pesquisas em matéria de produção de café, cacau, gorduras e óleos vegetais, e fibras, que beneficiaram o comércio, indústria e os consumidores nas Américas.

Um dos mais importantes meios empregados pela OEA para aumentar os alimentos das repúblicas americanas foi, por certo, o seu plano de Cooperação Técnica para combater a febre aftosa, pois em consequência dessa doença atingem enormes proporções as perdas anuais de gado nos países do nosso Continente, dependendo a debelagem de seus surtos epidêmicos de diagnóstico rápido e de medidas prontas para circunscrever o surto à área contagiada.

Até haver a OEA criado em 1951 um centro interamericano de combate a essa moléstia, sediado no Brasil, não existia nenhuma organização desse gênero, em escala internacional. O centro prontifica-se a fazer diagnósticos rápidos e completos em surtos epidêmicos de febre aftosa; oferece consultas aos vários governos e serviços de laboratório para pesquisas e elaboração de vacinas. À medida que se for dominando o mal, chegando-se, talvez, a extirpá-lo por completo, irá barateando a carne nas Américas, e se tornará mais abundante e melhor.

Cooperação para a Melhoria da Habitação e do Planejamento Urbano — Trata-se de mais um plano de Cooperação Técnica da OEA, que visa a fornecer aos americanos moradias baratas e higiênicas e melhor planejamento urbano. Um Centro Experimental Interamericano de Estudos da Habitação, sediado em Bogotá, na Colômbia, exercerá sua atividade no setor de materiais baratos e métodos de construção, de plantas para habitações modestas, bem como no de legislação pertinente, administração e financiamento. O centro dará ênfase a técnicas padronizadas de construção para a produção em massa de habitações.

Conseguindo-se baixar o custo do planejamento e construção de casas, milhões de americanos, que agora não possuem moradias decentes, tê-las-ão no futuro. Esse fato determinará melhores condições de vida, saúde e produtividade e mais alto espírito cívico; no caso de milhões de seres humanos e suas coletividades.

Cerrando fileiras com os que se empenham em melhorar a habitação, a OEA tem estimulado a cooperação no campo do urbanismo, visando à boa direção do desenvolvimento das comunidades, à eliminação de favelas, à melhor regularização do tráfego, ao aumento de valor dos imóveis e, em geral, ao levantamento dos padrões de vida. Conta com técnicos que, a pedido, se avistam com as autoridades municipais, assistindo-as no estudo e solução de problemas de urbanismo.

Por exemplo típico da cooperação facultada pela OEA no planejamento urbano se nomeará o plano total elaborado para a cidade de São José, Costa Rica. Com a assistência dos técnicos da OEA, organizou-se, para São José, bem concatenado plano de urbanização, abrangendo as mais recentes normas de subdivisões urbanas, projetos relativos ao tráfego e estacionamento de carros, utilização do terreno, zoneamento, aeroporto, e a situação racional dos edifícios públicos e universitários.

Ademais, é relevante o papel desempenhado pela OEA na reconstrução de regiões devastadas por catástrofes. Assim, em seguida ao terremoto sobrevivendo, em 1949, no Equador, a OEA enviou três técnicos que cooperaram na reconstrução das coletividades atingidas pelo cataclismo. Pouco depois, em 1950, auxiliou a municipalidade de Turrialba, Costa Rica, a reparar os danos causados por inundações, providenciando abrigos módicos às pessoas deixadas ao relento, planejando medidas urbanas para a cidade parcialmente destruída, e fornecendo meios para sustar a invasão das águas.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A OEA

QUE É A OEA ?

OEA quer dizer Organização dos Estados Americanos, a mais antiga e bem sucedida organização internacional do mundo. Compõem-na as 21 repúblicas americanas, como segue: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Estados Unidos, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

QUAIS SEUS ANTECEDENTES HISTÓRICOS ?

A OEA representa a evolução da União das Repúblicas Americanas, criada pela Primeira Conferência Internacional Americana em 1890, embora remonte a 1826 a idéia que a inspirou, à reunião da primeira conferência interamericana, convocada por Bolívar na cidade do Panamá. De 1910 a 1948, funcionou a organização como União Pan-Americana. Em 1948, no decorrer da Conferência de Bogotá, as 21 repúblicas americanas estabeleceram a OEA, atribuindo à União Pan-Americana as funções de Secretaria Geral e de centro de suas atividades.

QUAIS OS OBJETIVOS DA OEA ?

Os objetivos da OEA são a consolidação da paz e segurança nas Américas; a solução de dissídios entre as repúblicas americanas — quando os mesmos ocorrerem — através de meios pacíficos; o estabelecimento de ação conjunta de todas as Repúblicas para a repulsa de agressão dirigida contra qualquer delas; a promoção, em conjunto, do desenvolvimento econômico, social e cultural das repúblicas americanas.

QUAIS SEUS PRINCÍPIOS BÁSICOS ?

Podem resumir-se como segue os princípios básicos da OEA: As relações entre as Repúblicas Americanas pautam-se pelo direito internacional e pela boa fé; as repúblicas americanas gozam de paridade na OEA; nenhum Estado americano pode intervir nos negócios de outro; os dissídios acaso surgidos entre eles têm de ser solucionados pacificamente, e os atos de agressão contra qualquer deles serão interpretados e tratados como agressão contra todos.

COMO FUNCIONA A OEA ?

A *Conferência Interamericana*, entidade suprema da OEA, reúne-se de cinco em cinco anos, a fim de planejar a estrutura geral, as diretrizes e atividades da OEA durante o quinquênio seguinte. A *Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores* realiza-se, a pedido, para considerar assuntos urgentes. O *Conselho da OEA* é o corpo executivo permanente da organização, e reúne-se periodicamente na União Pan-Americana. Compete-lhe dirigir e coordenar o trabalho dos vários organismos interamericanos, da União Pan-Americana, bem como as atividades executadas em conjunto com as Nações Unidas. Tem três órgãos, em que se acham representados todos os Estados Membros. São eles: o Conselho Interamericano Econômico e Social, o Conselho Interamericano de Jurisconsultos, e o Conselho Cultural Interamericano.

A *União Pan-Americana*, como Secretaria Geral da OEA, incumbem-se dos arquivos, da elaboração de relatórios, dos trabalhos preparatórios para as conferências interamericanas, e serve de repositório para os instrumentos de ratificação dos acordos interamericanos. Em sua qualidade de órgão central da OEA dá execução, mediante seus técnicos e serviços, às decisões e programas da OEA, e promove o desenvolvimento econômico, social e cultural dos Estados Membros. A OEA conta, outrossim, com *Conferências Especializadas* no domínio da agricultura, saúde, defesa e outros setores de interesse; e com *Organismos Especializados*, incumbidos da execução de programas e planos em suas respectivas esferas.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE A OEA E AS NAÇÕES UNIDAS ?

A OEA é uma repartição regional das Nações Unidas. É, para o Hemisfério Ocidental, o que as Nações Unidas são para o mundo, e, conquanto a OEA seja independente das Nações Unidas em assuntos pertinentes ao Hemisfério Ocidental, é estreita a colaboração existente entre ambas. Todos os países membros da OEA, são-no igualmente das Nações Unidas, muito embora a maior parte deles se faça representar por diferentes delegados nas entidades em apêço. Sob vários aspectos, o êxito, durante 60 anos, do sistema interamericano de cooperação, foi uma inspiração na organização das Nações Unidas.

(Publicação da União Pan-Americana — Washington — D.C.).

REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO

VOLUMES EDITADOS

ANO I — 1937-1938

- Vol. I — novembro-37 (esg.), janeiro, fevereiro (esgotados), março.
- Vol. II — abril (esg.), maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro (esg.).

ANO II — 1939

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril-maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro-novembro, dezembro (esg.).

ANO III — 1940

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março (esgotado).
- Vol. II — abril, maio, junho (esgotados).
- Vol. III — julho (esg.), agosto (esg.), setembro.
- Vol. IV — outubro (esg.), novembro (esg.) dezembro.

ANO IV — 1941

- Vol. I — janeiro (esg.), fevereiro (esg.), março.
- Vol. II — abril, maio, junho (esgotados).
- Vol. III — julho, agosto, setembro (esgotados).
- Vol. IV — outubro (esg.) novembro (esg.), dezembro.

ANO V — 1942

- Vol. I — janeiro, fevereiro março (esgotados).
- Vol. II — abril, maio, junho (esgotados).
- Vol. III — julho (esg.), agosto, setembro (esg.).
- Vol. IV — outubro (esg.), novembro, dezembro.

ANO VI — 1943

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro (esgotados).

ANO VII — 1944

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março (esgotados).
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho (esg.), agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro.

ANO VIII — 1945

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro.

ANO IX — 1946

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto-setembro.
- Vol. IV — outubro-novembro, dezembro.

ANO X — 1947

- Vol. I — janeiro-fevereiro, março-abril.
- Vol. II — maio-junho, julho-agosto.
- Vol. III — setembro-outubro, novembro-dezembro.

ANO XI — 1948

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março, abril.
- Vol. II — maio, junho, julho, agosto.
- Vol. III — setembro, outubro, novembro, dezembro.

ANO XII — 1949

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro.

ANO XIII — 1950

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro.

ANO XIV — 1951

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.
- Vol. III — julho, agosto, setembro.
- Vol. IV — outubro, novembro, dezembro.

ANO XV — 1952

- Vol. I — janeiro, fevereiro, março.
- Vol. II — abril, maio, junho.



Páscoa dos Servidores do D.A.S.P., Ministério da Fazenda e Tribunal de Contas. Fotografia feita à porta do Convento de Santo Antônio, vendo-se o Dr. Sebastião de Sant'Ana e Silva, Diretor-substituto deste Departamento; Dr. Lazari Guedes, Chefe do Gabinete do Ministro da Fazenda, representando S. Exa. o Dr. Horácio Later; Monsenhor Arruda Câmara, Deputado Federal; Ministro Dr. Joaquim Henrique Coutinho e Exma. Sra.; Contador-Geral da República Dr. Antônio Francisco Pereira; Juiz Cristóvão Breiner; Contador Hugão da Silveira Lôbo e o Dr. Alfredo Baltazar da Silveira.